

A ARQUITETÔNICA DA ALMA EM O EGO E O ID, DE SIGMUND FREUD E NO LIVRO IV DE A REPÚBLICA, DE PLATÃO – NOTAS SOBRE UMA PESQUISA¹

Ricardo L. Leopoldino²

A presente comunicação decorre da pesquisa intitulada *A Arquitetônica da alma em O ego e o Id, de Sigmund Freud e no Livro IV de A República, de Platão*: elementos para uma base epistemológica para a antropologia da segunda tópica freudiana. O título se mostra ainda como provisório. Neste sentido, sua vocação é dada de saída: pretende, nos limites impostos para a pesquisa acadêmica, abordar a articulação de parte específica do pensamento de Sigmund Freud com um aspecto da filosofia de Platão, a tripartição da alma em *A República*, visando produzir o fundamento que se supõe necessitar a primeira.

Terá como objeto específico a arquitetura da alma, em Freud, o texto de 1923, *O Ego e o Id*, tomado como ponto de partida para o exame na obra de Sigmund Freud, e em Platão, se concentrará no livro IV de *A República*. Além da busca apontada, igualmente se anota e se observa a recusa do

¹ Trabalho apresentado originalmente no XIV Colóquio do CPA & V Semana de Estudos Clássicos do CEC – IFCH – Filosofia.

² Doutorando do programa de Pós-graduação em filosofia do IFCH, sob orientação do Prof. Dr. Alcides Héctor Rodríguez Benoit/UNICAMP. Agradecemos ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp e especial ao Prof. Benoit a acolhida da pesquisa nesse importante centro internacional de excelência acadêmica, em que ousamos apresentar nossos argumentos e conclusões. Nossos equívocos, uma vez constatados, devem sempre ser tomados como pessoais, e nossos acertos, fruto da interlocução privilegiada na Unicamp.

autor de que exista tal relação, e que será igualmente analisada. O título aponta uma direção específica, que parte do contemporâneo e alcança o antigo, sendo que no segundo se espera alcançar a base para o primeiro, uma validação, fundamento.

Lembramos que a articulação entre o pensamento dos antigos com o de contemporâneos se reputava como controversa: tal polêmica veio a lume na querela literária e artística surgida na Academia Francesa entre os séculos XVII e XVIII, quando se colocava em questão a superioridade de um tempo por relação ao outro, e avança até alcançar o século passado. Nos afastamos dessa direção, eis que inexistente pretensão de aferir superioridade, mas fundamentação, e que partimos da afirmação da possível articulação entre as concepções oriundas das épocas antiga e moderna.

Se trata, em certo sentido, de verificar se a utilização feita por um autor, dos modelos que se pode atribuir ao anterior, é capaz de prover-lhe a base científica necessária para esclarecimento das relações que se desdobram em seu funcionamento. Assim, a pesquisa que se apropria de um autor por relação a outro, estabelece, por ela própria, a direção do discurso e, portanto, a via de acesso de um a outro autor. Neste sentido, uma especialização se apresenta, de início, fazendo com que um autor dialogue com o outro segundo nossa batuta.

Anotamos que a apropriação se dará sempre, por óbvio, do moderno ao antigo, e estará fundada na possibilidade de fundamentação, de divergência ou de invalidação dos argumentos do antigo, da perspectiva do contemporâneo, entre outras possibilidades.

Há, entretanto, casos em que a relação é estabelecida sem qualquer referência dos autores relacionados, quando observamos, por exemplo, na análise do primeiro, a eventual conexão temática com um segundo, nos

permitindo assim esclarecer e demonstrar o ponto de vista, independente de que houvesse pretendido o autor. A aproximação decorre das análises dos textos, do intérprete, por uma analogia produzida. Há casos que é o raciocínio desenvolvido que percorre via idêntica, não estando vinculado ao tema ou assunto da pesquisa, mas ao método. Há casos, também, que a relação é vedada pelo autor, que recusa a via que, entretanto, poderá oferecer uma compreensão adequada do conteúdo do que agora se desenvolve, mas que, afinal, não autorizada.

O exame que faremos dos textos de Freud está situado no período que se convencionou chamar de “segunda tópica”, período este situado a partir da edição do artigo sobre o *Jenseits des Lustprinzips*, de 1920. É a partir dele que são efetivamente introduzidas as inovações que conduziriam ao modelo final de seu “aparelho da alma”, o *Seelische Aparat*, constituído para além da divisão inicial que contrapunha de um lado a consciência e do outro um *Inconsciente* estanque e mudo, que vinha paulatinamente sofrendo modificações desde a edição de *Etwas von Unbewussten*, texto de autoria indeterminada, mas que James Strachey atribui a Freud, e que foi apresentado no 7º Congresso Psicanalítico Internacional, em 1912. O modelo descritivo-explicativo que se estabelece aí inverte a direção da pesquisa freudiana, que partia da consciência e alcançava o inconsciente é decorrente das inovações introduzidas pela pesquisa sobre o *narcisismo*. O psiquismo doravante será composto de três elementos/Instanz, não mais as regiões *Bewusstsein*, *Vorbewusst* e *Unbewusste*, mas de uma segunda estruturação, cujos elementos são o *Ich*, o *Überich* e o *Es*.

Imediatamente surge a questão da nomenclatura que será adotada: a versão para o vernáculo do termo germânico não parece controversa, eis que entre nós se adota os termos ego, superego e id, que, afinal, são de

origem grega. Eles se referem aos termos alemães das *Ich*, das *Überich* e das *Es*, que algumas traduções mais recentes traduzem por Eu, Supereu e Isso, como, em geral, adotam os hispânicos e franceses em vários trabalhos.

Cada um dos elementos na elaboração freudiana possui características específicas, quais sejam, para o ***Ich***, que é a face visível da estrutura anímica, é considerado como a superfície de contato com o mundo exterior, e também como o *mediador* entre as exigências do *Überich* e as demandas do *Es* feitas ao *Ich*; quanto ao ***Überich***, Freud anota que é ele sempre relacionado à ancestralidade e à moralidade, compondo-se de identificações e do jogo objetal que se desdobra do itinerário edipiano – portanto do jogo das identificações e, portanto, dos modelos que aí se constituem³.

Existe, nos ensina Freud, uma relação quase de subordinação do *Ich* ao *Überich*, pois nosso autor acentua que “do mesmo modo que o menino se encontrava submetido a seus pais e obrigado a obedecê-los, se submete o *Ich* ao imperativo categórico do *Überich*”⁴, ainda que em estreita relação com o último.

O terceiro elemento, o ***Es***, é a parte maior em extensão, mais obscura e inacessível de nossa personalidade, da qual pouco sabemos a respeito, senão a partir do estudo da elaboração onírica e da formação dos sintomas neuróticos. Necessário será anotar que toda a descrição não comporta um jogo de dimensões mensuráveis nos moldes dos sistemas métricos existentes, mas considerado como preponderância da influência na vida. Isto quer dizer que sofremos maiores influências de uma parte por relação à outra. Abordado por analogias, foi descrito como o caos interior, um caldeirão cheio de agitação fervilhante, votado à consecução da satisfação das necessidades pulsionais. Freud anota nas Novas Conferências que:

³ *Obras Completas de Sigmund Freud*. Mexico: Editorial Amorrutu, 1982 (§50 a 59)

⁴ *Obras Completas de Sigmund Freud*. Mexico: Editorial Amorrutu, 1982, p. 2721.

A relação do ego para com o id poderia ser comparada com a de um cavaleiro para com seu cavalo. O cavalo provê a energia de locomoção, enquanto o cavaleiro tem o privilégio de decidir o objetivo e de guiar o movimento do poderoso animal. Mas muito frequentemente surge entre o ego e o id a situação, não propriamente ideal, de o cavaleiro só poder guiar o cavalo por onde este quer ir. Há uma parte do id da qual o ego separou-se por meio de resistências devidas à repressão. A repressão, contudo, não se estende para dentro do id: o reprimido funde-se no restante do id. (Freud, Sigmund. *Neue folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse/Novas conferências introdutórias à psicanálise*, 1933).

É a partir daqui que o desenvolvimento freudiano nos obriga a observar de forma mais sistemática as referências à filosofia e ao “divino Platão”, profusamente citado quase sempre de memória, como era frequente para o período.

As referências mais salientes da presença da filosofia de Platão são ao *Symposium/Banquete*, e estariam relacionadas à doutrina do Eros (204e6-7), como anota Anthony Price no *Conflito Mental* (p. 22), ainda que com indicações de que a doutrina anímica de Platão tenha origem no *Fedro* e no *Fédon*, sempre sem referência direta ao texto do filósofo, como na passagem acima, onde se pode reconhecer a estrutura da “parelha alada (*Fedon*, 246a-253b).

Veja-se que para John C. Malone, em *Psychology: Pythagoras to present*⁵, no exame da mesma passagem e do conhecido “mito da parelha alada” (246a-253b), o que estaria em questão é a divisão de tarefas na cidade, o que é tomado por Freud como uma contraposição de forças no interior do

⁵ Malone, J. C.. *Psychology: Pythagoras to present*. Bradford Books, MIT Press: Cambridge, Massachusetts, London, England, 2009. p. 62.

indivíduo. Entretanto, em que pese a escolha dos elementos que compõem a explicação da presença do elemento da filosofia de Platão no texto de Freud, é inegável que se reconheça a presença desse elemento filosófico no interior da construção psicanalítica desenvolvida pelo último autor.

Os elementos que estariam presentes no texto platônico em questão são discriminados como uma *tripartição*⁶ da alma: o cavalo belo e bom e é assim apresentado como *Thymos* (aparecendo em algumas versões como concupiscível ou apetitiva), estão relacionados aos valores morais e às tradições que orientam, como uma espécie de “pano de fundo”, nossa conduta:

O cavalo de melhor aspecto tem um corpo harmonioso e bonito; pescoço alto, focinho curvo, cor branca, olhos pretos; ama a honestidade e é dotado de sobriedade e pudor, amigo como é da opinião certa. Não deve ser batido e sim dirigido pelo comando e pela palavra.(...) (Fedro, 253d).

O outro elemento, delimitado como um animal de raça ruim e de natureza bravia, é o *Epitymeticon* (aparecendo em algumas versões como *colérico* ou irascível), que representa nossa parte mais votada a prazeres e apetites, nossa sensualidade, e se aloja em nosso ventre, o diafragma, e submete a alma ao bem do corpo. É a maior parte de nossa alma, onde habitam as desmedidas, as ações mais primitivas, parte insaciável por natureza:

(...) O outro – o mau – é torto e disforme; segue o caminho sem deliberação; com o pescoço baixo tem um focinho achatado e a

⁶ Apesar de que a transliteração do termo grego *mére* não corresponda plenamente ao termo parte, quando usado na descrição das funções anímicas. A questão seria assim colocada pelo fato de que a unidade da alma não está em questão, e que a atribuição de “partes” determinaria que ela não se constituísse como unidade.

sua cor é preta; seus olhos de coruja são estriados de sangue; é amigo da soberba e da lascívia; tem as orelhas cobertas de pelos. Obedece apenas – e com esforço – ao chicote e ao açoite. (Fedro, 253d).

E o condutor é apresentado como o *Nous* ou a alma que raciocina, representando a razão (ou o racional), “parte divina do homem, pode, pela dialética, levar a alma ao conhecimento do Inteligível e à Ideia do Bem”, de dimensão intermediária e dotado de força e racionalidade.

Este modelo, que comparece em vários dos textos do filósofo ateniense, entretanto, não corresponde ao que analisaremos, ainda que seja o mencionado por Sigmund Freud, eis que seus elementos apontam para direção diversa daquela que está delimitada em seu texto e no modelo que desenvolve durante sua teorização, e que culmina no que tomamos como mote para o exame, o de 1923, onde tem seus contornos delimitados.

Ora, o modelo que se desenvolve em *O ego e o Id* apresenta-se mais em conformidade com aquele desenvolvido em *A República*, com seus três elementos, o *Epitimetikon*, o *Logistikón* e o *Thymoeidés*, que é a direção que visamos em nosso esforço de pesquisa. Nos elementos delimitados no livro IV da *República*, as funções permanecem as mesmas, em que pese sua descrição ganhar colorido consideravelmente mais forte.

Não se trata, afinal, de se buscar uma coincidência de termos e, dela, buscarmos identificar que haja identidade entre os elementos constantes nas construções dos autores. O que pretendemos apontar são concepções que possuem contornos semelhantes, decorrentes seja da arquitetura que se elaborou, seja das funções que seus componentes desempenham no universo que se constituiu. O trabalho, portanto, partirá do exame desses elementos que são análogos, e dele, se possível, construir uma relação possível entre os campos teóricos distintos.

As analogias que pretendemos examinar deverão ser traçadas a partir dos termos na medida em que enfeixam um conjunto de relações que se desenvolvem neles ou a partir deles, respeitados os campos semânticos no que se referir à distância temporal que os separa, assim como os contornos dos campos a que pertencem. Por óbvio, é de se observar que apesar de ambos pensadores pretenderem alcançar um tipo de terapêutica para o homem, não estão construindo nem modelos nem raciocínios que possam ser simplesmente conectados, mas nada impede de que sejam cotejados.

Aqui incide a questão que adiantamos, de a pesquisa seguir em direção diversa daquela que anota o próprio autor do texto estudado. Veja-se que os biógrafos de Freud nos fornecem direções que acabam por se consubstanciar na posição quase hegemônica de Ernst Jones⁷, e naquela de Paul-Laurent Assoun⁸, que aparecem e se repetem em vários comentadores de ambos autores.

O argumento que comparece, vetando o itinerário nessa direção tem por base a negativa de qualquer possibilidade de pensarmos o diálogo que aqui se anuncia, sustentada no texto de Freud, e que tem como referência mais conhecida a seguinte passagem:

Mesmo quando me afastei da observação, evitei cuidadosamente qualquer contato com a filosofia propriamente dita. Essa evitação foi grandemente facilitada pela [minha] incapacidade constitucional. (*Selbstdarstellung*, 1925)

⁷ Na sua biografia, *Freud: vida e obra*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1989 (3 vol. Col. Analytica).

⁸ Sobretudo em *Freud: a filosofia e os filósofos*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1978. No campo especificamente platônico, a discussão de Gerasimos X. Santas (SANTAS, Gerasimos X.. *Freud and Plato: two theories of Love*. New York: Basil Blackwell, 1988) acabou por reproduzir a mesma situação que anunciamos em relação a P-L. Assoun, que, ainda que indique alguma similaridade, acaba por descartar efetiva relação entre os autores, com posição referenciada em outros autores, como SOLINAS, Marco, em seu *Psiche: Platone e Freud, desiderio, sogno, mania, eros*. Firenze, Itália: Firenze University Press, 2008 (Studio i saggi, 67), entre outros.

Verificamos que ele recusa veementemente que se o vincule a outros campos, como a religião e a filosofia, ainda que, ao que parece, tenha ele permanecido em diálogo com eles. E assim, persistente, em seu itinerário de pesquisa, busca sustentação em autores de pouca evidência em seu campo ou fora dele seguindo apenas seu objetivo, olhando apenas para seu norte em meio às naturais tormentas de cada estação.

Paul-Laurent Assoun, epistemólogo francês, sobretudo em *Freud: a filosofia e os filósofos* (Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1978), parece seguir as orientações dedutíveis do texto freudiano. Passa assim a ser considerado a referência maior para grande parte dos comentadores, que adotam suas posições de forma bem hegemônica.

Naquele texto, Assoun, em minuciosa análise, caracteriza as referências feitas por Freud à filosofia, de forma geral, como “teses célebres de filósofos, extraídas sem escrúpulos de seus sistemas e convocadas para o uso da demonstração freudiana”, caracterizadas por “imprevisibilidade”, “rapidez”, “estereotipia” e “periodicidade”, o que lhes confeririam o aspecto de estarem “fora de propósito”, em que pese aderirem adequadamente ao discurso.

O objetivo de Assoun enquanto elabora seu discurso, entretanto, diverge do nosso. Ele pretende “cernir o sentido e a função das referências filosóficas” e lhes colher o “ganho na argumentação”, no universo que o concerne. Nosso objetivo, por outro lado, será apenas o de cotejar os modelos arquitetônicos e aferir-lhes funcionamento e funções.

Nesse sentido, a divergência não pretende invalidar as demonstrações, mas apontar para visada diversa, suportada em elementos igualmente diversos. Assoun está centrado na questão do ponto de vista dos filósofos utilizados, enquanto nosso objetivo será o de considerar a construção freu-

diana, de forma a verificarmos se lhe podemos atribuir a base epistemológica na filosofia de Platão.

Na pesquisa em curso, tentaremos, na medida em que nossas limitações permitirem, retomar a discussão que se estabeleceu em torno da proximidade e de distanciamentos entre o discurso psicanalítico e filosófico, no que se refere à estruturação do psiquismo.

Nosso universo de pesquisa, portanto, estará delimitado, em nossas demonstrações, a dois textos-base, mas será necessário não descurar o resto das construções relativas à alma em Freud, pois o modelo que ele desenvolve é feito paulatinamente. Neste sentido, será necessário, ainda que de forma menos específica, percorrer o itinerário de formação do modelo que culmina com o texto de 1923, de onde retiraremos a matéria de nossa discussão.

Neste sentido, se os pontos de referência dos quais partimos são, à luz dos textos, de Freud, *O Ego e o Id*, de 1923, e, de Platão, *A República*, sobretudo o livro IV, onde os autores delimitam o tema, necessário será, algumas vezes, seguir para longe desta referência, de forma a produzir o pleno entendimento do que se constrói. O objetivo será, enfim, aquele de oferecer vias de releitura da epistemologia da segunda topologia da psicanálise de Freud, distanciando-a de alguns modelos de leitura que os limitaram, e aproximando-a de outros, que os ampliam. Essa visibilidade será buscada na produção que decorre do pensamento de Freud ou de Platão, cernida dos comentadores que apontam, seja para a aproximação ou para o afastamento dos campos. Será neles que buscaremos os subsídios para nossos argumentos e conclusões. Tomamos, por ser incontroverso, que Freud encontrara Platão em seus verdes anos de juventude, e não o perdeu de vista, ainda que a uma distância segura na maior parte do tempo, sem o relacionar à sua profissão médica senão em raros aspectos.

Examinaremos, neste sentido, aspectos da arquitetura e do dinamismo psíquico nos autores, assim como os enfrentaremos em alguns comentadores da história da psicologia, da psiquiatria, além de em textos filosóficos. Confrontaremos os modelos para encontrarmos aproximações e distanciamentos a partir do modo de elaboração, das dimensões de seus componentes, das alianças possíveis e da racionalidade que os circunscreve.

A questão que trazemos à baila, que não é novidade, decorre de que, ainda que não mais enfatizada ou tematizada como antes, é aquela da relação entre antigos e contemporâneos. Mesmo que assim seja tomada, permanece como delicada, pois nos impõe trilhar, muitas vezes, nos limites do comentário, acompanhando autores por caminhos que eles mesmos evitaram recomendar percorrer ou mesmo vetaram, e sofrer com eles todas as vicissitudes a tais condutas reservadas.

Por outro lado, é dela que poderemos verificar, mais do que o alcance, a validade de um argumento que pode vencer a barreira dos anos, dos séculos e, quiçá dos milênios e se nos impõe como ainda não plenamente solvida. Por outro, poderemos verificar que, como ecos do passado, várias questões são colocadas de lado, consideradas ultrapassadas, ainda que tenham como elemento central a essência do humano, como no trabalho de ambos autores.

Assim encontramos um objeto comum a dois pensadores que o interrogam à distância de séculos. O que torna uma alma saudável e boa é a pergunta que faz surgir de forma caleidoscópica os campos no qual hoje circunscrevemos o conhecimento que se constitui em torno deles, indiferente nome que se os dê.

A terapêutica que propõem, a cada época, apontava para a necessidade de nos centrarmos naquilo que produziria o sentido do humano – a alma.

É na alma que todo esse repertório de qualidades é aferido, seja interna, seja externamente. É também aí que um jogo de forças produz igualmente as distorções que se evidenciam na volúpia e na apatia, que se extremam ao necessário e desejado equilíbrio. Então, a busca por regras que nos coloquem na direção de uma vida boa é também o maior sucedâneo para as doenças que algures emergem no curso de nossa existência.

Se ao final alcançaremos alguma compreensão sobre o assunto da alma, é matéria que somente ao Deus caberá saber!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FREUD, Sigmund. *Coleção Estandard Brasileira de Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. 24 vol. São Paulo: Imago Editora, 1976
- FREUD, Sigmund. *Obras completas*. 3 vol. Buenos Aires : Amorrortu Ed., 1976
- FREUD, Sigmund. *The Standard Edition of complete Psychological Works of Sigmund Freud*. Translated and ed. James Strachey et al.. 24 volumes. London: Hogarth Press, 1953-1974.
- FREUD, Sigmund. *Meine Behühung mit Josef Popper-Linkeus*. Allgemeine nährpflicht. Wien. 15. 1932.
- FREUD, Sigmund. *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*. XXXI. 1932-3. Seite 3132, w.
- FREUD, Sigmund. *Gesammelte Werk: Psychoanalytischer Studien + Theoretische Schriften + Briefe*. (115 Titel in einem Buch – Vollständige Ausgaben). e-artnow, 2015. (ISBN 978-80-268-2611-8, e-book)
- Platão. *A República*. Introdução, tradução e notas introdutórias de Maria Helena da Rocha Pereira. 7a. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.
- Platão. *La República*, vol. III, Libro IV. Roma, Itália: Bibliópolis/ Centro di Studio Del Pensieiro antico, 1996
- Plato. *Platonis Opera*, ed. John Burnet. Oxford University Press. 1903 (<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/>)

ASSOUN, Paul-Laurent. *Freud: a filosofia e os filósofos*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1978

CAROPRESTO, Fátima; SIMANKE, Richard T.. Uma reconstituição da estratégia freudiana para a justificação do inconsciente. *Agora: Estudos em Teoria Psicanalítica*. vol 11. no. 1. Rio de Janeiro, Jan./Jun 2008;

MALONE, John C.. *Psychology: Pythagoras to present*. Cambridge, Massachussets – London, England: The MIT Press, 2009.

SANTAS, Gerasimos X.. *Freud and Plato: two theories of Love*. New York: Basil Blackwell, 1988.

SOLINAS, Marco. *Psiche: Platone e Freud, desiderio, sogno, mania, eros*. Firenzi, Itália: Firenzi University Press, 2008 (Studio i saggi, 67)

<https://plato.stanford.edu/entries/ancient-soul/>

